

# Estudo de fenômenos fonológicos no português arcaico: o acento nas formas diminutivas e os processos de sândi vocálico externo

*A study of phonological phenomena in Archaic Portuguese: the stress in diminutive nouns and external vocalic sandhi processes*

Ana Carolina CANGEMI\*

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP-Araraquara)

Thais Holanda de ABREU\*\*

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Araraquara)

**RESUMO:** Este artigo objetiva apresentar uma descrição e análise de fenômenos fonológicos em Português Arcaico, principalmente aqueles relacionados ao acento nos nomes diminutivos e aos processos de sândi vocálico externo. Para realizar tal análise, elegeu-se como *corpus* de pesquisa o texto poético das cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, denominadas Cantigas de Santa Maria, uma vez que tais fenômenos são de difícil reconhecimento a partir de textos em prosa - sobretudo quando se tem como base de investigação um estágio anterior da língua, do qual não é possível encontrar falantes nativos vivos. Somente por meio da metrificação de textos poéticos, podemos reconhecer aspectos fundamentais para a investigação do acento e dos processos de sândi, como a duração das sílabas e a localização de acentos e cesuras no interior dos versos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fenômenos fonológicos. Acento. Diminutivos. Processos de sândi. *Cantigas de Santa Maria*.

**ABSTRACT:** This paper introduces a description and analysis of phonological phenomena in Archaic Portuguese, mainly those related to stress in diminutive nouns and external vocalic sandhi. For this analysis, we have chosen the poetical text of the religious *Cantigas* in honor of Virgin Mary, called *Cantigas de Santa Maria*, as a research corpus because these phenomena are hard to recognize from prose texts – particularly when the research object is a previous stage of the language, for which it is impossible to find living native speakers. Only through metrified poetic texts can we recognize fundamental aspects to the investigation of stress and sandhi processes, such as syllable duration and stress and the positioning of the caesura in verses.

**KEYWORDS:** Phonological phenomena. Stress. Diminutives. Sandhi processes. *Cantigas de Santa Maria*.

## Introdução

O objetivo deste artigo é o estudo de fenômenos fonológicos no Português Arcaico (PA), o acento nas formas diminutivas e os processos de sândi vocálico externo, nas

---

\* Doutoranda em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *campus* de Araraquara. Araraquara – SP – Brasil. Email: carolcangemi@gmail.com.

\*\* Doutoranda em Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), *campus* de Araraquara. Araraquara – SP – Brasil. Email: thaishabreu@bol.com.br.

cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, denominadas Cantigas de Santa Maria – CSM (METTMANN, 1986; 1987; 1988a; 1988b). A partir de uma metodologia que pode ser empregada para estudos de natureza fonológica no passado da língua portuguesa, no caso o PA, veremos a relevância da consideração do corpus, juntamente com a metodologia aplicada, principalmente a processos relacionados a fenômenos prosódicos, com especial destaque para o acento nos nomes diminutivos e os processos de sândi vocálico externo.

Assim, propomos neste trabalho análises da língua portuguesa em uma época em que não se dispunha de tecnologias para arquivar a fala do indivíduo. Portanto, partimos da perspectiva da linguística histórica (área da linguística que se preocupa em estudar mudanças nas línguas humanas à medida que o tempo passa) para observar os processos do acento nos nomes diminutivos e os processos de sândi vocálico externo.

## **1 *Corpus e metodologia*<sup>1</sup>**

### ***1.1 As cantigas de Santa Maria***

As CSM foram compostas na segunda metade do século XIII, com autoria atribuída a Dom Afonso X, rei de Leão e Castela, denominado também como “Sábio”. As 420 CSM são, de acordo com Leão (2007, p. 21), líricas ou lírico-narrativas e dividem-se em cantigas de *miragre* (cantigas de milagre, as quais revelam os feitos milagrosos da Virgem Maria; são poemas narrativos) e cantigas de *loor* (cantigas de louvor, que louvam e fomentam a devoção mariana; são poemas líricos). Massini-Cagliari (2007, p. 122), a respeito da utilização do galego-português presente na composição das cantigas, demonstra que o galego e o português daquela época não devem ser considerados línguas diferentes, mas sim “uma e a mesma língua”, no que concerne a alguns aspectos prosódicos, como acento, constituição silábica e processos de sândi. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (provenientes possivelmente da Galiza, mas compiladas em Toledo), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções linguísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema”.

Assim, pode-se afirmar que as CSM são representantes do momento de formação da língua portuguesa (ou do galego-português, como seu ancestral legítimo) e, conseqüentemente, podem contribuir para a descrição mais geral do componente fonológico da língua naquele momento. Já afirmara Leão (2007, p. 9, grifo da autora), “[...] as *Cantigas*, nas brumas da história, coincidem com o momento fundador do Reino de Portugal e também da língua portuguesa”.

### ***1.2 As cantigas de Santa Maria e sua relevância para estudos de caráter prosódico: metodologia utilizada***

Massini-Cagliari (2005) afirma que pouco se sabe a respeito da prosódia do PA, devido ao fato de alguns autores (MAIA, 1986; SILVA, 1989; TOLEDO NETO, 1996) trabalharem prioritariamente com *corpora* em prosa e terem outros focos de estudo.

No entanto, em relação a textos poéticos, principalmente com uma métrica fixa, ocorre o contrário, ou seja, a partir da observação de como o poeta trovador conta as

---

<sup>1</sup> Este tópico transcreve a apresentação do *corpus* e da metodologia já publicada em Abreu e Cangemi (2010).

sílabas poéticas e localiza os acentos em cada verso podem ser observados os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Sobre isto já afirmava Allen (1973, p. 103): “os fenômenos métricos não podem ser ignorados, uma vez que, especialmente no caso das línguas mortas, a relação entre poesia e linguagem cotidiana pode fornecer pistas para o padrão prosódico”<sup>2</sup>.

Para Abercrombie (1967, p. 98), o ritmo da fala corrente é o fundamento do verso. Assim, fala e poesia não se distinguem tipologicamente quanto ao ritmo. Para esse autor, a única diferença entre o ritmo da fala e o da poesia é: na poesia, este se encontra organizado de maneira a produzir padrões recorrentes, que por sua vez são percebidos pelo leitor. Já na fala este fato não acontece.

Considerando os trabalhos acima citados, podemos concluir que a escolha de textos poéticos para se estudar fenômenos prosódicos de uma língua, em seus estágios passados, se mostra eficaz e adequada.

A partir da escansão do poema em sílabas poéticas podemos ver os limites das sílabas fonéticas. Por exemplo: 1) por meio da metrificação poética e da definição dos limites das sílabas fonéticas podemos localizar os acentos poéticos e, conseqüentemente, o acento nas palavras, facilitando a investigação de sua estrutura prosódica e permitindo – no caso dos nomes diminutivos – formular hipóteses a respeito desses nomes serem, no período arcaico do português, derivados (um acento lexical) ou compostos (dois acentos lexicais) (cf. seção 3.1); 2) A partir da concatenação das palavras dentro dos versos podemos também observar a solução dada pelo trovador para os encontros vocálicos da língua em questão (cf. 3.2 deste artigo). Assim, os passos para o estudo das soluções relativas a estes (os encontros vocálicos) na poesia, considerados importantes desde os tempos antigos (CUNHA, 1961, p. 17), seriam: 1) a solução dada para o encontro entre a vogal final da primeira palavra com a vogal inicial da segunda palavra; 2) a necessidade ou não de uma ressilabação, devido ao encontro vocálico; 3) a possibilidade ou não de *stress clash* (colisão acentual) entre as sílabas envolvidas no sândi vocálico externo.

## 2 Teorias utilizadas para a descrição dos fenômenos fonológicos

As teorias que dão suporte para a descrição dos fenômenos fonológicos aqui expostos são as teorias da Fonologia Não-Linear, sobretudo a Fonologia Lexical, a Fonologia Métrica e a Fonologia Prosódica.

### 2.1 A Fonologia Lexical

A Fonologia Lexical estuda a relação entre o sistema sonoro e o sistema lexical das línguas por meio da observação da atuação das regras fonológicas, ou seja, estuda as relações entre a estrutura morfológica de uma palavra e as regras fonológicas que a ela se aplicam.

Nos modelos linguísticos até o SPE (CHOMSKY; HALLE, 1968), o léxico era visto como uma coleção de fatos imprevisíveis da língua. A partir dos estudos de Kiparsky (1982), Mohanan (1986) e Durand (1990), começou-se a pensar melhor a verdadeira natureza do léxico. Tais estudos mostraram que o léxico é constituído de três tipos diferentes de objetos: 1. uma lista finita de morfemas, 2. um *output* infinito de palavras

---

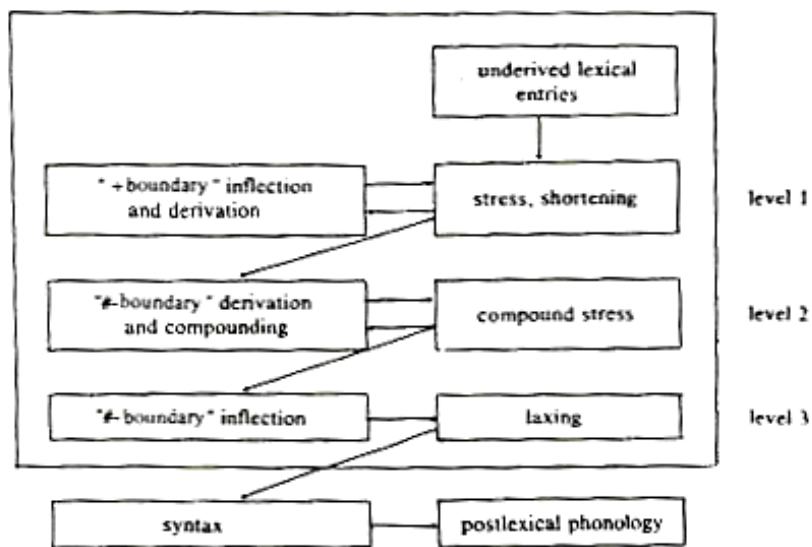
<sup>2</sup> “metrical phenomena cannot be ignored, since, especially in the case of dead languages, the relationship between poetry and ordinary language may provide clues to the prosodic patterning” (ALLEN, 1973, p. 103).

geradas pela combinação dos morfemas e 3. uma lista de palavras que constitui um subconjunto de 2 (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 94).

Para se pensar de forma mais adequada na natureza do léxico, os teóricos “idealizadores” da Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982; MOHANAN, 1986) propuseram a divisão do léxico em níveis.

A estrutura do léxico assumida pela Fonologia Lexical pode ser representada pelo esquema a seguir, proposto por Kiparsky (1982, p. 132):

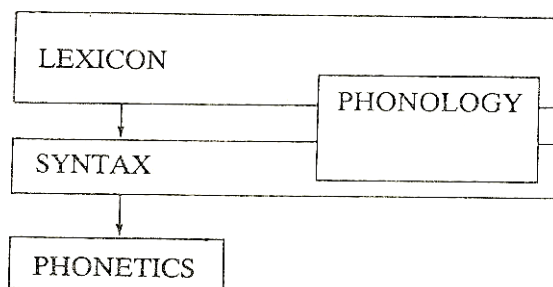
**Figura 1- Estruturação do léxico proposta por Kiparsky**



(Fonte: Kiparsky, 1982, p. 132)

Observando a figura acima, constatamos que as setas que ligam o nível fonológico ao nível morfológico são reversíveis. Isto significa que a Fonologia Lexical trabalha com a hipótese de que há uma interação e uma influência entre esses dois componentes da gramática (Fonologia e Morfologia) no momento de formação das palavras. Partindo desse fato, pode-se afirmar que as regras fonológicas são aplicadas depois de cada operação morfológica, isto é, a saída de cada regra morfológica é submetida, em seu estrato, a regras fonológicas. Assim sendo, o modelo lexical “começa por dividir a aplicação das regras fonológicas em dois momentos: aplicação lexical e aplicação pós-lexical” (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 94). Essa existência de dois domínios de aplicação das regras – no léxico e no pós-léxico – possibilita a intersecção da fonologia tanto com o léxico quanto com a sintaxe, como podemos ver na figura 2, a seguir:

**Figura 2 – Intersecção fonologia com léxico e sintaxe proposta por Pulleyblank**



(Fonte: Pulleyblank, 1986, p. 8)

De acordo com Goldsmith (1990, p. 218), a Fonologia pós-lexical possui aquelas regras que operam entre fronteiras de palavra (aqui podemos pensar no caso do processo de sândi) ou utilizam estruturas sintáticas ou prosódicas e aquelas que se referem a traços não-distintivos – as regras sub-fonêmicas.

A Fonologia Lexical também possui dois tipos de regras: 1. as que lidam com os ajustes que são desencadeados a partir da combinação de morfemas, como no caso em Português da regra de abrandamento da velar, que transforma o /k/ de *eletrik-* em /s/ diante do morfema *-idade*; 2. aquelas que realizam modificações na estrutura segmental, utilizadas no momento em que a forma subjacente não satisfaz as condições fonotáticas, isto é, quando a forma subjacente não permite a boa formação de uma palavra (em termos fonológicos). Como exemplo de 2 temos as regras de silabificação e as epênteses. Vejamos abaixo um quadro que resume as características das regras lexicais e das regras pós-lexicais:

**Quadro 1 – Regras lexicais e pós-lexicais propostas por Pulleyblank**

<i>LEXICAL</i>	<i>POST-LEXICAL</i>
a. may refer to word-internal structure	a. cannot refer to word-internal structure
b. may not apply across words	b. may apply across words
c. may be cyclic	c. cannot be cyclic
d. if cyclic, then subject to strict cycle	d. non-cyclic, hence across-the-board
e. structure-preserving	e. need not be structure-preserving
f. may have lexical exceptions	f. cannot have lexical exceptions
g. must precede all post-lexical rule applications	g. must follow all lexical rule applications

(Fonte: Pulleyblank, 1986, p. 7)

Devido ao motivo de uma língua possuir regras com um domínio lexical e outras com um domínio de aplicação pós-lexical, torna-se necessário estabelecer diferenças que apontem o nível em que se aplica determinada regra. Sobre isso, Massini-Cagliari (1999, p. 95) afirma que as regras que se aplicam entre palavras, ou seja, na juntura vocabular, são obrigatoriamente de aplicação pós-lexical enquanto que as regras que necessitam de informações morfológicas são regras de aplicação lexical. Massini-Cagliari (1999, p. 95) comenta ainda que “outra diferença importante entre esses dois tipos de regras é o fato de as regras lexicais poderem ter exceções, enquanto que a aplicação das regras pós-lexicalmente ocorre de maneira automática e sem exceções”.

Portanto, a Fonologia Lexical postula que as regras fonológicas operam em conjunto com as morfológicas no léxico de uma língua. Por exemplo, o sufixo *-al*, formador de nomes em inglês, só pode ser adicionado a verbos, os quais são acentuados na última sílaba (KIPARSKY, 1982, p. 143). Veremos mais adiante, com a análise dos nomes diminutivos que, ao se adjungir os sufixos de diminutivo a uma determinada base, ocorrerão processos fonológicos ocasionados justamente pelo acréscimo de um elemento morfológico – os sufixos (cf. seção de análise dos dados) – e que, a partir dessa junção, a posição do acento da base pode ser modificada na palavra derivada, originando, do ponto de vista fonológico, palavras simples ou compostas.

## 2.2 A *Fonologia Métrica*

Utilizando as concepções de estruturas hierarquizadas da Fonologia não-linear, a Fonologia Métrica permite que se obtenha uma representação mais adequada da sílaba e que se depreendam os padrões de acento que podem ser encontrados nas línguas. De acordo com Hayes (1995), essa teoria é a teoria do acento e da proeminência linguística. O aspecto inovador dessa teoria consiste na consideração de que a proeminência de uma unidade é definida em relação a outras unidades em um mesmo enunciado. Por exemplo, na pronúncia mais comum da frase “Eu quero café”, a sílaba “fé” é a sílaba mais forte ou mais acentuada na frase, mas a sílaba “ca” embora não seja tão acentuada quanto esta é mais em relação a “ro” da palavra “quero”.

Na teoria métrica o acento é definido como propriedade da sílaba, não inerente à vogal – fato que permite um tratamento mais flexível de padrões acentuais em diferentes línguas e diferentes contextos prosódicos.

De acordo com Massini-Cagliari (1999, p.75), a Fonologia Métrica – criada por Liberman e Prince, no final da década de 70 – se desenvolveu em várias direções. Segundo a autora, a versão standard da teoria teve a sua elaboração na tese de Hayes (1980) e publicada como livro em 1985. Seguiu-se a esse trabalho a polêmica da representação formal só árvore/só grade. O defensor da posição só grade é Prince (1983) cujo trabalho propõe o abandono das representações arbóreas, uma vez que, para o autor, as grades seriam mais representativas dos fenômenos rítmicos, explicando melhor a ocorrência de fenômenos, chamados por ele, de regras rítmicas. Do outro lado, havia defensores das representações arbóreas, sendo principalmente os trabalhos Selkirk (1980; 1984) os iniciadores dessas representações. O trabalho de Selkirk (1980, 1984) foi o embrião de uma nova teoria fonológica – o modelo prosódico – que também tem como teorizadoras Nespor e Vogel (2007[1986]), como veremos na próxima seção.

No terceiro momento no desenvolvimento da teoria métrica são considerados os trabalhos de Halle e Vergnaud (1987), Kager (1989), Goldsmith (1990), Visch (1990), Haraguchi (1991) e, o seguido por nós, Hayes (1995). A respeito desse terceiro momento, Massini-Cagliari (1999a, p. 75) diz:

Esses pesquisadores reúnem as evidências dos defensores dos dois lados da polêmica [...] tanto a favor das representações em grade, como a favor das representações arbóreas rotuladas, e, ao mesmo tempo, mostram que a consideração de constituintes hierarquizados é necessária a qualquer abordagem do acento – visão que compartilham com a teoria métrica padrão. (MASSINI-CAGLIARI, 1999a, p. 75)

Os autores reúnem as vantagens dos dois tipos de representação em uma única: a representação através de grades parentetizadas. Segundo Massini-Cagliari (1999a, p. 75), o mais importante, nesse momento da teoria, não é a representação em si, mas sim a sustentação de uma teoria de princípios e parâmetros, com maior poder explicativo e de cunho muito mais globalizante.


## 2.3 A *Fonologia Prosódica*

A Fonologia Prosódica é a outra teoria que serve de apoio para a análise e descrição dos fenômenos fonológicos estudados. Ela teve início com a proposta de Elisabeth O. Selkirk (1979). Outros trabalhos de renome na área são os de Nespor e Vogel (1986) e Vigário (2001).

De acordo com Selkirk (1979), a teoria da Fonologia Prosódica surgiu da necessidade de se postular níveis prosódicos acima da sílaba: “Trabalhos recentes em lingüística chamam atenção para as unidades maiores que o segmento, e, ao dar suporte adicional para a sílaba, tem, além disso, demonstrado a *necessidade de postular uma série ainda ampla de tipos acima do nível da sílaba*” (SELKIRK, 1979, p. 1-2, grifo nosso)<sup>3</sup>.

Sendo assim, os constituintes prosódicos que demonstram a ideia inicial de Selkirk (1979) são os seguintes:

**Quadro 2 – Constituintes prosódicos segundo proposta de Selkirk (1979)**



Proposta de Selkirk (1979)		
CONSTITUINTES PROSÓDICOS		
constituintes	tradução	símbolos
phonological utterance	enunciado fonológico	U
intonational phrase	grupo entoacional	I
phonological phrase	grupo fonológico	Φ
phonological word	palavra fonológica	ω
foot	pé	Σ
syllable	sílaba	σ

(Fonte: Massini-Cagliari, 1995, p. 102)

De acordo com o quadro acima, um constituinte prosódico é sempre composto de uma ou mais unidades prosódicas imediatamente inferiores na hierarquia prosódica. Assim, por exemplo, uma palavra fonológica (um dos focos da análise dos nomes diminutivos) é necessariamente composta de pés, que são compostos de sílabas e assim por diante. Sobre os constituintes ou categorias prosódicas, Selkirk (1979) afirma ainda que estes são de grande importância, pois são elementos chave para a “descrição de fenômenos suprasegmentais, como o acento, além disso eles também são aquelas unidades que permitem uma correta caracterização dos domínios de regras da fonologia segmental”<sup>4</sup> (SELKIRK, 1979, p. 2). Sendo assim, podemos afirmar, embasando-nos em Nespor e Vogel (1986, p. 6), que a Fonologia Prosódica é uma teoria de domínios:

[...] o modelo apresentado aqui é uma teoria de domínios fonológicos, isto é, uma teoria que organiza uma determinada sequência da língua em uma série de constituintes fonológicos hierarquicamente organizados que por sua vez formam os contextos nos quais se aplicam as regras fonológicas<sup>5</sup>. (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 6)

O domínio, dentro da teoria da fonologia prosódica, é o elemento que delimita o lugar onde os processos fonológicos ocorrem, ou seja, em qual categoria prosódica ocorre determinado processo. Por exemplo, segundo Vigário (2001, p. 5) dentre os fenômenos segmentais observa-se que cada um deles possui um domínio; o fenômeno de velarização

<sup>3</sup> “Recent work in linguistics has focused attention on units larger than the segment, and, while giving additional support for the syllable, has furthermore shown *the necessity of positing an even richer array of types above the level of the syllable*” (SELKIRK, 1979, p. 1-2, grifo nosso).

<sup>4</sup> “description of suprasegmental phenomena such as stress, they are also just those units which allow for a correct characterization of the domains of rules of segmental phonology” (SELKIRK, 1979, p. 2).

<sup>5</sup> “the model presented here is a theory of phonological domains, that is, a theory that organizes a given string of language into a series of hierarchically arranged phonological constituents that in turn form the contexts within which phonological rules apply” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 6).

em PE (Português Europeu) se aplica no domínio da sílaba. Já para o Português Arcaico (PA), podemos afirmar que os fenômenos do acento nos nomes diminutivos possuem como domínio prosódico a palavra fonológica ( $\omega$ ).

Segundo Nespor e Vogel (1986, p. 109), a palavra fonológica é definida como:

[...] o menor constituinte da hierarquia prosódica que é construída com base em regras de mapeamento que fazem uso substancial não somente de noções fonológicas. [...] A palavra fonológica ( $\omega$ ) representa a interação entre os componentes fonológicos e morfológicos da gramática<sup>6</sup>. (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 109)

A maioria dos estudiosos da área da Fonologia Prosódica é unânime em dizer que o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica. Segundo Vigário (2001, p. 23), “Uma palavra prosódica deve ter um e somente um acento primário de palavra”<sup>7</sup>. Nespor e Vogel (1986, p. 130) também pensam da mesma forma em sua análise para o italiano: “Uma vez que uma palavra fonológica pode conter, no máximo, um acento primário, os dados (65) mostram que os sufixos formam uma  $\omega$  com a base, enquanto que os dados em (67) mostram que, em palavra composta deve haver duas  $\omega$ s”<sup>8</sup>.

Os processos de sândi, hiatização ou algum outro processo ainda não nomeado pela literatura especializada que porventura possa ser mapeado têm como níveis prosódicos privilegiados, em um primeiro momento, a sílaba ( $\sigma$ ), a palavra fonológica ( $\omega$ ) e a frase fonológica ou sintagma fonológico ( $\phi$ ).

Os motivos pelos quais consideramos esses três domínios em detrimento dos outros consistem em: i) o mapeamento fonologia-sintaxe é necessário para os encontros no pós-léxico, uma vez que partem do nível da palavra fonológica; ii) a frase fonológica é o domínio relevante para a resolução dos encontros vocálicos em juntura de palavras, uma vez que é o domínio seguinte superior ao da palavra; iii) veremos adiante que é pertinente considerar a frase entoacional como bloqueador dos processos em sândi em PA, uma vez que esse domínio é privilegiado na associação de tons de contorno entoacional nas CSM em PA.

---

<sup>6</sup> “the lowest constituent of the prosodic hierarchy which is constructed on the basis of mapping rules that make substantial use of non phonological notions.[...] The phonological word ( $\omega$ ) represents the interaction between the phonological and the morphological components of the Grammar” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 109).

<sup>7</sup> “A prosodic word must bear one and only one (word) primary stress” (VIGÁRIO, 2001, p. 23)

<sup>8</sup> “Since a phonological word may contain at most one primary stress, the data in (65) show that suffixes form one  $\omega$  with the stem, while the data in (67) show that in compound word there must be two  $\omega$ s” (NESPOR; VOGEL, 1986, p. 130).



### 3 Os fenômenos fonológicos em PA: o acento nos diminutivos e os processos de sândi

#### 3.1 Uma breve descrição do status fonológico dos nomes diminutivos como formas simples ou compostas a partir das CSM

O processo mais produtivo mapeado com as formas diminutivas em *-inn(o,a)* e *-cinn(o,a)* nas CSM foi o de afixação/justaposição<sup>9</sup> (98% das ocorrências mapeadas). Foram mapeados também os processos de desvozeamento da alveolar, epêntese e espraçamento da nasal (2% dos casos), como mostra a tabela abaixo. Devido à grande ocorrência dos casos de afixação, daremos destaque apenas para a análise do acento nesse processo.

Tabela 1 – Processos envolvendo as ocorrências de diminutivo em PA separados por sufixo

	<i>-inn(o,a)</i>		<i>-cinn(o,a)</i>	
	quantidade	%	quantidade	%
<b>Afixação/Justaposição</b>	43	98%	7	64%
<b>Epêntese</b>	---	---	3	27%
<b>Espraçamento da nasal</b>	1	2%	---	---
<b>Desvozeamento da alveolar</b>	---	---	1	9%
<b>Total</b>	44	100%	11	100%

(Fonte: Tabela elaborada pelo próprio autor)

Utilizando-nos da teoria da Fonologia Lexical, teremos a seguinte estrutura de formação para os diminutivos com o sufixo *-inn(o,a)* em PA:

- (1) **Léxico**  
 [fremos] + iju → Adjunção (Morfologia)  
 [fre.mo.si.ju] → Silabificação (Fonologia)  
 (x .)  
 fre.mo.sí.ju → Acento  
 /fremosiju/ → Nome (*output*)

Em (2), observamos que primeiramente ocorre a adjunção do radical + o sufixo formador do diminutivo, ou seja, tem-se início o processo de afixação. Posteriormente, verificamos o processo de silabificação, de flexão de número e gênero e de atribuição do acento lexical (acento primário). No processo de afixação dos diminutivos em *-inn(o,a)* no PA, verificamos que a Regra de Atribuição do Acento ocorre no interior dessas palavras, *fremos- + -ínn(o,a) = fremosínn(o,a)*, uma vez que como pudemos observar na subseção tal sufixo se adjunge entre tal base e a sua respectiva VT. Portanto, *-inn(o,a)* ocorre no

<sup>9</sup> Alguns autores, como Monteiro (2002) e Prado (2010), adotam este termo para designar a afixação derivacional, ou seja, o ato apenas de justapor os sufixos sem provocar mudanças de ordem morfofonológica. A literatura linguística em geral (Bechara, 1980; Cunha, 1970; Dubois, 1973; Villalva, 2003) se utiliza do termo justaposição para se referir apenas ao processo de justapor palavras nos nomes compostos. Porém, o termo justaposição neste trabalho é utilizado na acepção dada por Monteiro (2002) e Prado (2010), ou seja, não é uma nomenclatura para nomes compostos, mas sim para denominar a junção de morfemas em processos derivacionais que não sofrem mudanças morfofonológicas.

interior de uma palavra e, essa dependência estrutural nos indica que as ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)* carregariam apenas o acento de palavra. Considerando o que Vigário (2001, p. 23) afirma sobre a definição de palavra prosódica – o acento primário da palavra é um dos diagnósticos mais intuitivos para a definição do domínio da palavra prosódica – podemos inferir que as formas diminutivas em *-inn(o,a)* que passaram pelo processo de afixação possuem apenas uma palavra prosódica, pois apresentam apenas um acento lexical, nos permitindo afirmar que tais formas são simples.

Para comprovar a existência de apenas uma proeminência prosódica nas palavras com o sufixo *-inn(o,a)* recorremos à metrificação poética dos versos em que aparece a palavra “fremosinna” (formosinha). Vejamos a seguir:

- (3) A/ques/to/ foi/ **fei**/to/ por/ hũ/a/ me/**ny**/nna 5-11  
 que/ cha/**ma**/van/ **Mu**/sa/, que/ **mui**/ fre/mo/**si**/nna 5-11  
 e/ra /e/ a/**pos**/ta/, mas/ ga/rri/de/**li**/nna 5-11  
 e /de/ pou/co/ **sen**. 5 (CSM 79, 1986, p.256)

O exemplo (3) demonstra a metrificação das sílabas átonas e tônicas (que estão em negrito e marcadas com números no final de cada verso) de um trecho da cantiga 79. Verifica-se que o vocábulo *fremosinna* possui a tônica na sílaba 11<sup>10</sup> dos versos em que estão inseridas e, desta forma, por estarem em final de verso, estas palavras “são, com certeza, portadoras do acento principal” (CAGLIARI; MASSINI-CAGLIARI, 1998, p. 97).

Observemos agora um processo de afixação/justaposição com uma ocorrência com o sufixo *-cinn(o,a)*:

- (4) **Léxico**  
 [jude][u] [ciɲ][u]  
 — — → Afixação  
 [judeu] [ciɲu] → Flexão  
 ju.deu ci.ɲu → Silabificação  
 (x) (x .)  
 ju.déu cí.ɲu → Acento Lexical (primário)  
 [judeucɲu] → Formação do composto  
 ( x ) → Acentuação composto  
 (x) (x .)  
 judeu cinno  
 /jùdeucíɲu/ → Output

Em (4), diferentemente de (5), observamos que não ocorre uma afixação ou adjunção antes da silabificação. A palavra “judeu” e o sufixo *-cinn(o,a)* seguem percorrendo o léxico de forma autônoma até a atribuição do acento lexical. Desta forma, percebemos que ambos os elementos agem de forma similar a uma palavra independente, com acento lexical individual. Utilizando-nos do critério de Vigário (2000; 2001) que delimita o número de palavras prosódicas por meio da quantidade de acentos podemos afirmar que nas ocorrências com o sufixo *-cinn(o,a)*/*-zinn(o,a)* teríamos duas palavras fonológicas.

<sup>10</sup> De acordo com Castilho (1908), as sílabas poéticas deveriam ser contadas até a última tônica dos versos, observação esta que mostra que, em seu tempo, os poetas de língua portuguesa se apoiavam mais nos acentos do que no número das sílabas para compor os versos.

Portanto, a Regra de Atribuição do Acento nos diminutivos em *-cinn(o,a)* em PA é aplicada entre duas estruturas morfológicas independentes, uma vez que *-cinn(o,a)* se adjunge a uma palavra já “pronta”, preferencialmente com vogal temática zero (VT  $\emptyset$ ) e, sendo assim, teríamos uma forma composta<sup>11</sup> (com duas  $\omega$ ): *judéu + cínno(o) = jùdeucínno*. Para comprovar a existência dessas duas proeminências prosódicas na palavra “judeucínno” recorreremos à metrificação poética dos versos em que ela aparece. Vejamos a seguir:

(5) Cantiga 4: Esta é como Santa Maria guardou ao fillo do judeu que non ardesse, que seu padre deitara no forno.

O/ <b>ju</b> /deu/ <b>cỹ</b> /o/pra/ <b>zer</b>	2- 4-7 <sup>12</sup>
ou/ve/, ca/ <b>lle</b> / pa/re/ <b>ci</b> /a	1- 4-7
que/ <b>os</b> /ti/as/ a/co/ <b>mer</b>	2- 7
lles/ <b>da</b> /va/ <b>San</b> /ta/Ma/ <b>ri</b> /a,	2- 4-7
que/ <b>vi</b> /i/a/ <b>res</b> /pran/ <b>de</b> /cer	2-5-7
e/ <b>no</b> /al/ <b>tar</b> /u/si/ <b>i</b> /a	2-4-7
e/e/nos/ <b>bra</b> ços/tê/ <b>er</b>	2- 4-7
seu/ <b>Fi</b> /llo/ <b>He</b> /ma/ <b>nu</b> /el.	2-4-6
(CSM 4, 1986, p. 64)	

A metrificação em (5) nos revela a ocorrência de duas proeminências prosódicas: uma na sílaba *ju* e outra no sufixo *-cỹo*. Sendo assim, veremos que há o acento principal em *- cỹo* e também um acento secundário em *ju*, uma vez que tal sílaba é uma das tônicas do verso.

A partir da descrição e análise do processo de afixação nas CSM podemos discutir o estatuto fonológico dos diminutivos em PA. Verificou-se que tais formas podem ter um acento lexical e fazem parte de um processo derivacional (no caso das ocorrências com o sufixo *-inn(o,a)*) ou dois acentos lexicais, sendo considerados compostos (no caso das ocorrências com o sufixo *-cỹ(o,a)*).

### 3.2 Processos de sândi vocálico externo e a hiatização no PA

De acordo com Bisol (2002), desde os tempos antigos, a língua tende a desfazer hiatos no interior da palavra, embora venham se mantendo presentes, como veremos adiante. No entanto, o hiato que surge na frase do PA por combinação de palavras tende a dar lugar à elisão, à crase, à ditongação ou a algum outro processo. Foram mapeadas no âmbito das cem CSM todas as soluções para o encontro de vogais em juntura de palavras. Os resultados encontrados foram 7296 ocorrências de encontros vocálicos intervocabulares. Desses, 3457 (47,4%) são referentes à elisão, 3799 (52,1%) referentes à hiatização<sup>13</sup>, 12 (0,2%), processos ainda não nomeados pela literatura especializada e 28 (0,4%), processos de ditongação. Veremos abaixo cada resolução detalhadamente<sup>14</sup>.

<sup>11</sup> Deve-se ressaltar aqui que consideramos as formas diminutivas em *-cinn(o,a)* em PA formas compostas, pois apresentam duas proeminências prosódicas e não pelo fato de tais formas possuírem um padrão acentual semelhante aos compostos e frases no PB que são formados no pós-léxico (quando é mantido o acento de palavra).

<sup>12</sup> Os números no final de cada verso correspondem à localização das sílabas tônicas (poéticas) em seu interior.

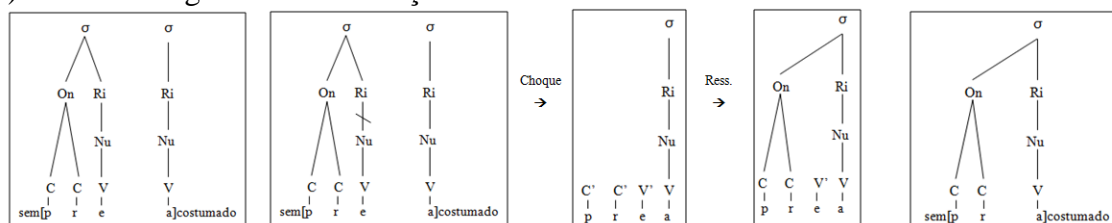
<sup>13</sup> Nessa resolução estão presentes também os encontros de ditongos decrescentes com vogal – 526 casos (7,2%) e de ditongos crescentes com vogal – 11 casos (0,2%), pois ambos mantêm o hiato.

<sup>14</sup> Lembramos que trazemos nos anexos as informações da quantidade dos resultados obtidos.

### 3.2.1 Elisão e crase

A elisão consiste no apagamento da vogal cuja sílaba foi perdida e na ressilabificação da consoante flutuante como *onset* da sílaba subsistente (6).

#### (6) Elisão da vogal e ressilabificação da consoante flutuante



A partir dos resultados quantitativos alcançados no mapeamento das cem primeiras CSM, constatou-se que só ocorre a supressão das vogais “a” (115 casos, 3,3%), “e” (2300 casos, 66,53%) e “o” (1042 casos, 30,14%) átonos finais diante de vogal inicial da outra palavra, podendo ser – essa segunda vogal – tônica, pretônica, leve, ditongo ou CV; após esse movimento ocorre a ressilabificação da rima das sílabas em juntura vocabular. Exemplo em (7):

- (7) E os judeus, que sem**pr'** acostumad'**an** (CSM 27; verso 70)  
                                   sem**pr'** acostumad'**an** = sempre + acostumado + an

Pôde-se perceber, também, através dos resultados obtidos, que há uma diferença entre as ocorrências de elisão no *corpus*. Massini-Cagliari (2005) já observara esse tipo de comportamento em estudos anteriores (MASSINI-CAGLIARI, 1999 e 2000), elaborados a partir de dados coletados nas cantigas de amigo do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* e a partir do *corpus* de cem cantigas de amigo e de amor (MASSINI-CAGLIARI, 2001). A autora diferenciou os processos de sândi vocálico externo que acontecem no PA de acordo com a qualidade da vogal átona da primeira palavra.

Dessa forma, a partir da observação da diferença – da queda da vogal átona quando esta é /a/ e quando não – chegou à conclusão de estar diante de dois processos diferentes de sândi vocálico externo: aqueles em que a vogal átona final da primeira palavra é /a/ e os outros em que a vogal átona da palavra é /e/ e /o/.

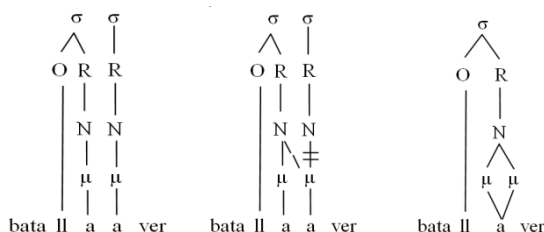
No primeiro caso, cuja vogal /a/ átona final da primeira palavra é suprimida, nota-se que esta é mais frequentemente suprimida quando a vogal inicial da segunda palavra também é /a/, havendo menos ocorrências de sua supressão diante de /e/ e poucas ocorrências envolvendo as vogais /ɛ/, /i/, /ɔ/ e /u/. Ocorre, portanto, uma supressão de vogais de mesma qualidade, denominada por Massini-Cagliari (2000, 2001 e 2005) como crase.

No segundo caso, cujas vogais átonas /e/ e /o/ se elidem diante de vogais de qualquer qualidade, tem-se a elisão.

A autora considera que, diferentemente do que acontece com as palavras terminadas em /e/ e /o/ átonos finais, a vogal /a/ átona final não cai, pois do contrário, o processo de elisão poderia ser aplicado. Dessa forma, Massini-Cagliari (2005, p. 232), conclui que há restrições quanto à redução dessa vogal, com consequências para os processos de sândi. Esse fato faz o processo de crase do PA diferente do processo de degeminação considerado por Bisol (1992, 2002) para o PB.

Massini-Cagliari (1999a e 2000) descreve o processo de crase no PA como o desligamento do núcleo da sílaba inicial da segunda palavra, seguido da sua reassociação ao núcleo sílaba precedente, representando uma ressilabificação da estrutura inicial. Por restrições impostas pelo PCO, as duas vogais acabam se fundindo, embora as moras às quais estavam inicialmente associadas se mantenham (ver MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 233). Podemos ver a ocorrência desse processo no verso 18 abaixo, retirado da *CSM* 38.

#### (8) Crase no PA



Assim, Massini-Cagliari (2005, p. 233) diz que, em uma perspectiva derivacional não linear, a diferenciação do processo de elisão com relação à crase,

está nos níveis de desassociação da primeira vogal e de associação da vogal inicial da palavra seguinte, que ocorrem logo abaixo da rima, para que a mora correspondente à vogal final da primeira palavra seja eliminada (na crase, esta mora se mantinha) e apenas a mora da vogal inicial da segunda palavra se mantenha (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 233).

A partir da quantificação dos processos de elisão presentes nas *CSM*, podemos comprovar que há uma diferença quantitativa de comportamento se compararmos os casos de elisão quando a vogal átona final da primeira palavra é /a/ e quando a vogal elidida é /e/ ou /o/. Percentualmente tem-se 3,3% (115 dos 3457 casos) para o apagamento da vogal /a/. Portanto, a ocorrência de elisão com palavras cuja vogal átona é /a/ é mais restrita do que com /e/ ou /o/.

#### 3.2.2 Ditongação

A ditongação, de acordo com Bisol (2002, p. 233) é a “ressilabificação dos dois segmentos flutuantes que passam a associar-se ao nó silábico subsistente”. Como os outros processos mostrados acima, perde-se uma sílaba, em função do choque de dois núcleos silábicos em fronteira vocabular, mas, diferentemente, preserva todos os segmentos.

A resolução em ditongação é minoritária nas *CSM*. Essa ocorre, na maioria das vezes, para ligar o pronome *mi* ou *ti* átonos a uma palavra iniciada pela vogal /a/ (9) ou /o/ (10) independentemente se essas forem tônicas, pretônicas, leves ou um ditongo.

(9) que/ **ti a**/co/rre/ss' e/ te/ fe/ze/sse/ sã/o (*CSM* 54; verso 66) – verso decassílabo

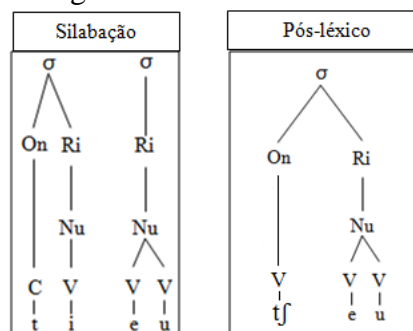
(10) Ca/ tu/ soa/ es/ a/ que/ **mio**/ po/des/ dar (*CSM* 21; verso 45) – verso decassílabo

Temos em nossos dados um caso inesperado de ditongação unindo o pronome *ti* com um ditongo *eu* (11) em uma única sílaba poética, e dessa forma, de acordo com nossa metodologia, em uma única sílaba fonética.

(11) mais/ o/ que/ **ti eu**/ da/d' a/vi/a (*CSM* 66; verso 67) - 7 sílabas poéticas

Para dar conta dessa realização, seria necessário considerar que a vogal anterior alta ocuparia uma posição de consoante no ataque da sílaba, que, por sua vez, seria ramificado (12), e postular a seguinte planilha silábica.

(12) Fusão do pronome *ti* com o ditongo *eu*



Llorach (1968, p. 233) observa que o latim falado tendia a criar uma ordem de consoantes palatais, iniciado com a consonantização do /i/ em função assilábica, mas que não apareciam fonologicamente: “*la más antigua de estas palatalizaciones es la del grupo /tj/*”. Podemos levantar a hipótese que a realização acima, presente no *corpus*, constitui um exemplo da palatalização mencionada, no entanto é preciso um número mais expressivo e de recorrente contexto para termos uma afirmação mais segura, posto que se trata de uma recorrência só dentre as cem CSM.

Em linhas gerais, a ditongação como sândi vocálico externo no PA ocorre, então, desde que uma das vogais da sequência seja alta (restrição segmental), átona (restrição rítmica) e, possivelmente, pode ocorrer diante da sequência /tj/ - em que não se trata, nessa perspectiva, da realização plena da vogal alta no núcleo, e sim de uma marca de palatalização.

### 3.2.3 Outros processos

Diferentemente das resoluções mostradas acima para o encontro de vogais em juntura intervocabular, encontramos em nosso *corpus* o apagamento ou a não realização da vogal inicial da segunda palavra quando essa é precedida por /s/ ou /n/.

- (13) do/ de/mo/, **que s**/te/rre/ces. (CSM 20; verso 39) -6 sílabas poéticas
- (14) nen/ d' a/gui/llon/ **a 's**/co/du/das. (CSM 31; verso 68) - 7 sílabas poéticas
- (15) e/no/ mes/ d' a/gos/to/, no/ di/**a 's**/co/llei/to (CSM 77; verso 27) - 11 sílabas poéticas
- (16) e/ di/ss': «Es/**ta 'n**/fer/me/da/de | se/me/lla/ mui/t' a/fi/ca/da. (CSM 75; verso 36) - hemistíquio de 7 sílabas poéticas
- (17) ou/tro/si/ nen/ d' al/va/yal/de,| que/ faz/ a/ ca/**ra 'n**/rru/ga/da (CSM 75; verso 96) - hemistíquio de 7 sílabas poéticas
- (18) del/, a/ Re/y/nna/ no/**bre s**/pi/ri/tal. (CSM 58; verso 53) - 10 sílabas poéticas
- (19) ouv' **a**strela mostrada (CSM 1; verso 38)

Nos casos (13) e (14) podemos considerar, assim como o fez Massini-Cagliari (2005) baseada em Cunha (1961), que pelo fato de os monossílabos portarem uma semiforça, fica mais restrita a possibilidade de a vogal de um monossílabo se elidir ou não com a vogal seguinte (do início da palavra seguinte), uma vez que essa está relacionada mais diretamente com o grau de tonicidade do monossílabo do que com a quantidade de

sílabas das palavras envolvidas. Vimos que os monossílabos tônicos incluem-se entre as palavras que bloqueiam a ocorrência da elisão.

Massini-Cagliari (2005, p. 236) afirma que

esses são processos marginais, cuja função é prioritariamente estilística, nos quais o poeta encontra apoio para obter a quantidade de sílabas poéticas desejada para o verso. Mas não se pode negar que, mesmo com função estilística, seu aparecimento está condicionado ao fato de a qualidade da primeira vogal ser /a/ (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 236).

Acrescentamos a seguinte reflexão: nos casos (15), (16) e (17) a qualidade da vogal /a/ é diferenciada das outras vogais, assim como afirmou Massini-Cagliari (2005), e elevada a um valor diferente das demais dentro do sistema, uma vez que nesses casos trata-se de sílabas átonas envolvidas e, como vimos, quando há palavras como uma sílaba final átona seguida de uma outra palavra iniciada por vogal acontece, *a priori*, elisão. No entanto, foi ressaltado por Massini-Cagliari (2005), e por nós, que é pouco recorrente a elisão do /a/ final da primeira palavra. Então, temos que o valor de uma palavra ser terminada por /a/ é mais alto do que ser essa terminada em sílaba átona (ambas seguidas de outra vogal). Nesse sentido, quando se trata de uma vogal final /a/ seguida de outra, há um rearranjo no sistema – os casos mais típicos são a resolução em hiato, os menos típicos a resolução de não realização ou apagamento da vogal inicial da segunda palavra. Fica evidenciado, portanto, que o fato de a vogal final da palavra ser /a/ é mais relevante que a sílaba ser átona.

No entanto, no caso (18) não podemos considerar essa explicação, pois temos um contexto diferente. Tem-se a sílaba final átona terminada em /e/ seguida da sibilante. Podemos considerar apenas que, igualmente aos casos anteriores (13) a (17), a sibilante ou nasal se agarra na coda da sílaba anterior pertencente à primeira palavra.

A respeito de (19), a primeira reflexão que fizemos ao ver essa realização foi de considerar a metrificação exposta em (20) (corroborando as observações que acabamos de fazer) e observar que ocorreria uma reestruturação silábica ligando a consoante inicial da segunda palavra à coda da primeira palavra.

(20) ou/v' a s/tre/la/ mos/tra/da (CSM 1; verso 38) - 6 sílabas poéticas

No entanto, podemos pensar em uma metrificação diferente para esse caso e, que mantém as mesmas 6 sílabas poéticas; teríamos um *onset* ramificado:

(21) ou/v' a/ stre/la/ mos/tra/da (CSM 1; verso 38) - 6 sílabas poéticas

Outra ocorrência que corroboraria a essa hipótese seria a de essa sequência –*str* iniciar um verso, se realizando plenamente, sem uma vogal anterior:

(22) Santa Maria,  
Strela do dia,  
Mostra-nos via  
pera Deus e nos guia.  
(CSM 100, 3 primeiros versos de 4 sílabas poéticas e o último 6 sílabas poéticas)

Nessa perspectiva, não haveria a possibilidade de considerar o som sibilante como pertencente à coda da sílaba anterior no verso e, possivelmente discordaríamos de Massini-

Cagliari (2005, p. 235), que considera nesse contexto (*str-*) que “a coda inicial ‘desgarrada’ /S/, então, adjunge-se ao núcleo da sílaba anterior”. No entanto, podemos postular também a ocorrência de um *enjambement*, recorrente nas cantigas medievais galego-portuguesas, com o verso antecedente e voltariamos a considerar a sibilante como coda da sílaba final, ocorrendo uma ressilabação:

- (23) Santa Maria, **Stre**la do dia,  
Mostra-nos via  
pera Deus e nos guia

Podemos levantar essa hipótese, pois é plausível a partir da metodologia empregada e com o aparecimento dessas sequências no *corpus*. No entanto não podemos afirmá-la com certeza, uma vez que há dificuldades em justificá-la, já que as posições teóricas também parecem divergir; o que parece ser acordado é que as sílabas são construídas em torno de vogais, justifica-se, então, a problemática de a sibilante pertencer à sílaba final da primeira palavra ou constituir um *onset* com três segmentos –*str* em nível fonético e/ou fonológico: “As regras a que a sílaba obedece são uma prova da sua importância como constituinte fonológico. Porém, são essas mesmas regras universais que, em determinadas situações, inviabilizam uma aceitação de certas segmentações” (HENRIQUES, 2009, p. 51).

A própria organização da sílaba em termos de sonoridade, mais especificamente de um crescendo de sonoridade, coloca o problema com esse tipo de sequências (/sp/, /st/ ...), nomeadamente sequências de fricativa+oclusiva como tautossilábicas, que não são permitidas no português justamente por violarem o Princípio de Sonoridade. Blevins (1995, p. 211) observa que “em inglês /sp st sk/ ocorrem na sílaba inicial e também podem ser encontrados em sílabas pós-vocálicas tautossilábicas; o inglês não é a única língua em que estão presentes esses pressupostos”<sup>15</sup>.

Selkirk (1982) defende que estes grupos consonânticos constituem uma unidade. Hogg e McCully (1987, p. 43) assumem a mesma posição da autora e observam que a violação é especialmente interessante, complexa e levanta questões profundas<sup>16</sup>.

Hogg e McCully (1987, p. 49) ressaltam que por se tratar de uma unidade, não importa o valor dado ao constituinte único que esse não violará o *template* da sílaba. Viana (1892, p. 24) observa a que sibilantes e nasais são segmentos mais complexos se comparados aos outros e afirma “há consoantes que podem constituir *syllaba*, funcionando como vogais: são ellas as sibilantes *se, z*, as ancípites *l, r*, e as nasaes”. Câmara Júnior. (1973, p. 43) também não exclui essa possibilidade:

[...] normalmente a vogal, como o som vocal mais sonoro, de maior força expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular, que funciona em todas as línguas como centro da sílaba, embora algumas consoantes, particularmente as que chamamos «sonantes», não estejam necessariamente excluídas dessa posição (CÂMARA JR., 1973, p. 43).

O princípio universal de escala de sonoridade inviabiliza a existência dessas sequências, de acordo com regras fonotáticas de variadas línguas. A dificuldade em

<sup>15</sup> “However, in English syllable initial /sp st sk/ occur, and post vocalic tautossyllabic /sp st sk/ are also found, and English is far from unique in this regard” (BLEVINS, 1995, p. 211).

<sup>16</sup> “two classes of violations which are especially interesting. One which occurs only when /s/ fills O<sub>2</sub>, we shall discuss later, for the status of /s/ is complex and raises issues above and beyond its position in onsets”. (HOGG; MCCULLY, 1987, p. 49)



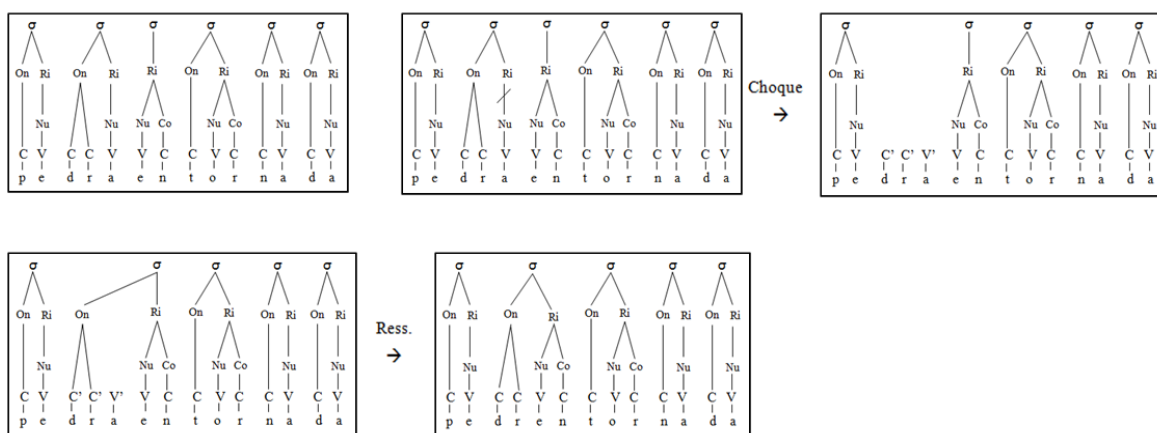
identificar a estrutura fonética e fonológica (existência ou não de vogal) origina problemas na segmentação silábica. Enfrentamos essa dificuldade em nossa análise, pois até mesmo o falante tem dúvidas na segmentação silábica dessas sequências. Em nosso trabalho como não temos, obviamente, a presença física do falante, usufruímos de uma metodologia que busca abstrair dos limites das sílabas poéticas, as sílabas fonéticas.

A partir da escansão dos versos em sílabas poéticas, pudemos observar os limites entre as sílabas fonéticas e constatar que nesses casos não é necessária a inserção da vogal epentética “e” para que seja satisfeita a boa formação da sílaba e, conseqüentemente, a sonoridade do *onset*. Todavia, temos que ressaltar que há alguns casos do galego-português em que o processo de resolução para essas consoantes perdidas (casos de /s/ + C ou /n/ + C) ora se realiza com a inserção de uma vogal epentética (24) e, como vimos, ora não (exemplos de 25 a 31, acima).

(24) vyu/ a/ pe/**dr'** en/tor/na/da (CSM 1; verso 46) - 6 sílabas poéticas

Quando acontece a sua realização, temos como resultado uma elisão, isto é, a vogal final da primeira palavra é apagada (16). Na elisão o choque das duas rimas dessilabifica a primeira sílaba que deixa C' e V' flutuantes com os seus segmentos pendentes. A ressilabificação ativada pelo Princípio de Licenciamento Prosódico (ITÔ, 1986) faz da consoante perdida o ataque da sílaba remanescente, criando uma sílaba ótima, mas esquece a vogal, que é apagada por convenção (25).

(25) Elisão e ressilabificação ativada pelo Princípio de Licenciamento Prosódico



Quando não acontece, as consoantes perdidas ('s' ou 'n'), aptas a ocupar a posição silábica de coda, se ligam ao nó silábico da sílaba final da primeira palavra (26). Esse fato acontece nos exemplos de (13) a (19).

(26) Ressilabificação de 's' inicial

Léxico	Silabação	Pós-léxico
Forma subjacente spirital →		

Notamos também que a não realização da vogal epentética tem um ambiente rítmico comum: a) sílaba átona seguida de uma sílaba pretônica; b) monossílabo seguido de uma sílaba pretônica.

Nesta perspectiva, podemos refletir – introdutoriamente – que /s/ e /n/ podem provocar ou não, em início de palavra e sendo essa sílaba pretônica, a epêntese. Em outras palavras, a epêntese externa nem sempre ocorre para otimizar uma estrutura silábica. Parece-nos que, se as propriedades de sonoridade da sílaba estiverem sendo satisfeitas pela junção dos vocábulos, não haverá a necessidade da realização da vogal epentética.

## Considerações finais

Neste artigo, nosso objetivo foi mostrar o estudo de fenômenos fonológicos do PA, o acento nas formas diminutivas e os processos de sândi vocálico externo nas CSM a partir de uma metodologia que pode ser empregada para estudos de natureza fonológica do passado da língua portuguesa. Assim, por meio das possibilidades de escolha do trovador e identificando as resoluções dos processos fonológicos no sistema do PA dado pelo falante pudemos perceber nuances dos valores atribuídos nesses dois contextos e mostrar a validade de estudos dessa natureza para estudar mudanças nas línguas humanas à medida que o tempo passa.

## REFERÊNCIAS

- ABERCROMBIE, D. *Elements of General Phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1967.
- ABREU, T. H.; CANGEMI, A. C. A utilização de uma metodologia em textos poéticos para estudos fonológico-historiográficos do Português. *Eutomia*, Recife, v. 2, p. 1-17, 2010.
- ALLEN, W.S. *Accent and Rhythm: prosodic features of Latin and Greek, a study in theory and reconstruction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1980.
- BISOL, L. Sândi vocálico externo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do Português Falado. Níveis de Análise Lingüística*. 4. ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002., v. 2., p. 19-35.
- BISOL, Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n. 23, p. 83-101, jul./dez., 1992.
- BLEVINS, J. The syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Blackwell, 1995. p. 207-243.
- CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. De sons de poetas ou estudando fonologia através da poesia. *Revista da Anpoll*, São Paulo, n. 5, p. 77-105, 1998.
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- CASTILHO, A. F de. *Tratado de metrificação portuguesa*. Lisboa: Casa dos Editores, 1908.

- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
- CUNHA, C. *Estudos de poética trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.
- CUNHA, C. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.
- DUBOIS, J. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 80, 190-191.
- DURAND, J. *Generative and non-linear phonology*. New York: Longman, 1990.
- GOLDSMITH, J. A. *Autosegmental and metrical phonology*. Oxford: Basil Blackwell, 1990.
- HALLE, M.; VERGNAUD, J. R. *An essay on stress*. Cambridge: MIT Press, 1987.
- HARAGUCHI, S. *A theory of Stress and Accent*. Dordrecht: Foris Publications, 1991.
- HAYES, B. *A metrical Theory of Stress Rules*. Cambridge, MA: Department of Linguistics. MIT, 1980.
- HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HENRIQUES, I. A importância da sílaba: uma reflexão fonológica. *eLingUp*, Porto, v. 1, n. 1, p. 37-59, 2009.
- HOGG, R.; MCCULLY, C. B. *Metrical Phonology: a coursebook*. Cambridge: University Press, 1987.
- ITO, J. *Syllable Theory in Prosodic Phonology*, Thesis (PhD dissertation), UMass Amherst, 1986.
- KAGER, R. *A Metrical Theory of Stress and Destressing in English and Dutch*. Dordrecht: Foris Publications, 1989.
- KIPARSKY, P. From Cyclic Phonology to Lexical Phonology. In: HULST, H. Van Der; SMITH, N. (Eds.). *The Structure of Phonological Representations: parte 1*. Foris Publications, 1982.
- LEÃO, A. V. *Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o Sábio: aspectos culturais e literários*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.
- LLORACH, E. *Fonologia Espanola*. Madrid: Gredos, 1968.
- MAIA, C. *História do Galego-Português*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2005.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1995.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999a.

- MASSINI-CAGLIARI, G. *Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas: processo obrigatório ou opcional?* ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 4., *Comunicação...*, Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como corpus da diacronia do Português. In: MASSINI-CAGLIARI, G. *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2007. p.101-126.
- MASSINI-CAGLIARI, G. O sândi vocálico externo no português arcaico visto pela teoria da otimidade. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 15. Braga: APL, 2000, v. 2, p. 59-75.
- MASSINI-CAGLIARI, G. *Sândi Vocálico Externo nas Cantigas Medievais Portuguesas*. Araraquara: UNESP. FCL, 1999b. Trabalho Inédito.
- METTMANN, W. Algunas observaciones sobre la génesis de la colección de las Cantigas de Santa Maria y sobre el problema del autor. In: STUDIES on the Cantigas de Santa Maria. Madison: Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1987, p. 355-366.
- METTMANN, W. *Cantigas de Santa María* (cantigas 101 a 260). Madrid: Castalia, 1988a.
- METTMANN, W. *Cantigas de Santa María* (cantigas 261 a 427). Madrid: Castalia, 1988b.
- METTMANN, W. *Cantigas de Santa Maria: cantigas 1 a 100*. Madrid: Castalia, 1986.
- MOHANAN, K. P. *The Theory of Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel, 1986.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia Portuguesa*. Campinas: Pontes, 2002.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- PRADO, N. C. *Processos morfofonológicos na formação de nomes deverbais com os sufixos -çon/-ção e -mento: um estudo comparativo entre português arcaico e português brasileiro*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2010.
- PRINCE, A. S. Relating to the grid. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 14, n. 1. p. 19-100, 1983.
- PULLEYBLANK, D. *Tone in Lexical Phonology*. Dordrecht: D. Reidel, 1986.
- SELKIRK, E. The Syllable. In: HULST; SMITH. (Ed.). *The Structure of Phonological: representations*, parte 2. Dordrecht: Foris Publications, 1982. p. 337-383.
- SELKIRK, E. O. On the Nature of Phonological Representation. In: ANDERSON, J.; LAVER, J; MYERS, T. (Eds.). *The cognitive Representation of Speech*. Amsterdam: North Holland Publishing, 1979.
- SELKIRK, E. *Phonology and Syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 1984.
- SELKIRK, E. Prosodic Domains in Phonology: Sanskrit Revisited. In: ARONOFF, M.; KEAN, M. L. (Eds.). *Juncture*. Saratoga: Anma Libri, 1980. p. 107-129.
- SILVA, R. V. M. e. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1989.

TOLEDO NETO, S. de A. *Variação Grafemática Consonantal no Livro de José de Arimatéia*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1996.

VIANA, A. *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.

VIGÁRIO, M. Palavra prosódica e composição no Português Europeu. In: BARBOSA, P; CASTRO, R. V. de (Org.) ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 15., *Actas...* Coimbra: APL, 2000, v. p. 583-602.

VIGÁRIO, M. *The prosodic word in European Portuguese*. Thesis (PhD Dissertation) - University of Lisbon, 2001.

VILLALVA, A. Formação de palavras: composição. In: MATEUS. M. H. M et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

VISCH, E. *A metrical theory of rhythmic stress phenomena*. Dordrecht: Foris Publications, 1990.

Recebido em outubro de 2011.

Aprovado em outubro de 2012.